

A ALMA DA RUA: O ESPAÇO URBANO CARIOCA NA CRÔNICA DE JOÃO DO RIO

Fernanda Magalhães, jornalista;
mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio;
professora do curso de Comunicação
Social da FAGOC - Ubá (MG).

“Eu amo a rua”. É com essa declaração de amor que João do Rio começa a crônica “A rua”, publicada na *Gazeta de Notícias* no dia 29 de outubro de 1905. E, de fato, João do Rio amou a rua e fez dela um dos principais personagens de seus textos. Foi ele que, no início do século XX, transformou o jornalismo brasileiro, buscando nas ruas a matéria viva de suas crônicas.

Séries de crônicas-reportagens como *As religiões do Rio*, apresentam, de forma pioneira no Brasil, características primárias do jornalismo moderno: caráter eminentemente informativo, observação direta dos fatos, captação de dados através de informantes. No início do século os jornais ainda estavam repletos de folhetins e artigos de fundo, gêneros mais focados na imaginação, na subjetividade e na opinião do que propriamente no relato de fatos. Numa época em que ser jornalista era mais uma questão de habilidade verbal, João do Rio sai da redação para buscar na rua a matéria de seus textos:

João do Rio representa o tipo exemplar do repórter, coisa que até ele ter surgido na nossa imprensa, não existia. (...) Como jornalista, como escritor, Paulo Barreto nasceu, surgiu, viveu - da rua. Por isso toda sua obra parecia apressada, passageira, caleidoscópica, cinematográfica, isto é, jornalística.¹

Andando pelas ruas, dando conta de tudo à sua volta, o observador na pele de escritor/jornalista, monta um panorama da vida da cidade.

Ele buscava apreender cada detalhe do espaço urbano. Foi assim com *As Religiões do Rio*, reportagens que trouxeram à tona as crenças que conviviam com o catolicismo oficial, com *A alma encantadora das ruas*, onde revelou as pequenas profissões e os mistérios que sobreviviam na cidade e com muitas outras séries de crônicas. Nas palavras de João do Rio:

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo

incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes - a arte de flanar.²

O cronista, como o detetive, é leitor do texto da cidade e descobridor de seus signos, principalmente aqueles ocultados pelo desejo de só ostentar o que é conforme o espírito do tempo. Mas enquanto o detetive vasculha o labirinto da cidade em busca de um culpado, o cronista mete-se na multidão para descobrir temas e tipos.

Ambos se debruçam sobre os mistérios da cidade a fim de dar-lhe/captar-lhe um sentido. O que os diferencia é o que cada um faz com o saber que acumula sobre a cidade. O cronista transforma esse saber numa reflexão sobre o ser e estar na cidade; (...).³

João do Rio é ao mesmo tempo o repórter que utiliza uma narrativa pretensamente objetiva e neutra e o cronista que abre espaço para o comentário subjetivo, para o tom de confiança e, sobretudo, para o papel de leitor e intérprete daquilo que, aparentemente, não é senão o acontecimento corriqueiro e cotidiano. Utilizando os critérios de observação direta dos fatos e contato com informantes, buscando referendar tanto os relatos quanto os comentários aos critérios de veracidade e atualidade, o cronista busca além de entreter e informar orientar seus leitores em relação ao cotidiano da cidade.

Sabe que este espaço público representa a celebração da vitalidade urbana com sua diversidade e plenitude, símbolo fundamental da vida moderna. Escrevendo um gênero novo na imprensa brasileira, a crônica-reportagem, observará e encaminhará análises do meio do momento em que viveu, tendo consciência do efêmero citadino, (...).⁴

O período que alguns autores denominam *belle époque* carioca faz da virada do século XIX para o XX um período de grandes transformações na capital federal. A atmosfera da regeneração era o correspondente brasileiro de um surto amplo de entusiasmo capitalista. O Brasil finalmente entraria para o concerto das nações modernas.

Um dos símbolos deste momento é a luz elétrica que, recebida com desconfiança, foi logo transformada em ícone moderno diante das potencialidades

extraordinárias que comportavam os novos recursos por ela possibilitados e a profundidade com que poderiam alterar as feições e rotinas cotidianas.

No setor dos transportes, à expansão das ferrovias e à chegada dos bondes elétricos, vêm juntar-se o automóvel que, recebido no primeiro momento como um modismo barulhento e perigoso, logo passa a fazer parte do cotidiano da capital federal. Quanto aos meios de comunicação e de reprodução técnica, a fotografia, o cinematógrafo e o fonógrafo suscitavam muito interesse. O telégrafo, a máquina de escrever, o raio X, são algumas entre as muitas novidades da época.

As inovações invadiam o dia-a-dia das pessoas - especialmente daquelas que tinham uma situação social que permitia delas usufruir - em um ritmo acelerado, principalmente no contexto de um outro fenômeno, o aparecimento das grandes metrópoles modernas. O Rio de Janeiro do início do século XX, apesar de estar longe de ser ainda uma metrópole moderna, era uma cidade que crescia rapidamente enquanto buscava modernizar-se. O adensamento populacional transformava a experiência dos habitantes da grande cidade. Os indivíduos começavam a conviver com a realidade através da mediação da técnica, o que colaborava para a elaboração de uma nova concepção do mundo.

A relação com o espaço público se transforma. Os novos meios de transporte, a iluminação tornam as ruas mais acessíveis e acolhedoras. A vida social invade o espaço público que também se apresenta como palco de novos personagens sociais, da gestação de uma nova sensibilidade, de novos hábitos e costumes. As ruas, os cafés tornam-se símbolos do viver moderno, enquanto a casa passa a ser o refúgio privado dos indivíduos.

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, João do Rio deixa claro que sua intenção como literato é registrar a contingência dos hábitos contemporâneos e dos costumes que vão se perdendo no turbilhão de novidades que caracterizam aquele momento.

A aspiração dos artistas novos seria a de fixar através da própria personalidade o grande momento de transformação social de sua pátria na maravilha da vida contemporânea; a de refletir a vertiginosa ânsia de progresso; a de gravar o instante em que os velhos sonhos afundam, com todas as superstições, inclusive a da moral, na eclosão de uma vida frenética e admirável.⁵

A constante e rápida superposição do novo sobre o velho é uma das características fundamentais do moderno, que assume a ruptura como valor. “Olhai o mapa das cidades modernas. De século em século a transformação é quase radical. As ruas são perecíveis como os homens.”⁶ Nesse cenário, a crônica, leve e de fácil entendimento, pautada pelo cotidiano da cidade, torna-se uma agência mediadora entre o leitor e o espaço urbano em mutação.

Na obra de João do Rio há uma galeria de personagens, cenários e situações identificadas como novidades de seu tempo.

Apareceu hoje na avenida o primeiro homem do anúncio-luminoso. Essa aparição deve ser saudada, não com o pasmo dos primeiros homens na lua mas com o respeito e a admiração que se deve ter pelo primeiro homem em qualquer profissão.⁷

Palavras como ‘primeiro’, ‘aparição’ e ‘pasma’ apontam e reforçam o caráter de novidade do homem do anúncio-luminoso, segundo ele, uma evolução do homem-tabuleta. Outras profissões criadas a partir das novas necessidades que surgiam também foram tematizadas em suas crônicas.

O desenvolvimento de um luxo e de um conforto observa-se pelo seu efeito social, ora o efeito do automóvel sobre nós foi simplesmente fulminante, criou de um momento para outro uma profissão, emprego para uma porção de gente: o motorista.⁸

Tanto o homem do anúncio-luminoso quanto o motorista são personagens típicos da vida na cidade grande. Ambos aparecem como decorrência das transformações do tempo, sejam elas as generalizações das relações capitalistas e conseqüentemente as novas formas de apelo ao consumo ou a inserção de um novo artefato técnico.

Mas, ao lado do endosso à modernização há uma espécie de memorialismo. Não se trata de nostalgia, mas de perceber a capital, o próprio tempo em que vive, já como quase relíquias. Daí o ansioso registro de hábitos, modas, teatros, meios de

transporte, como se tudo estivesse prestes a desaparecer, mesmo o que naquele momento figurasse como ‘último tipo’.

Num momento em que o velho e o novo convivem, o cronista demonstra seu fascínio pelo progresso e um certo saudosismo diante do que realmente parecia fadado ao desaparecimento. Ao mesmo tempo que registrava novidades, lamentava o desaparecimento de tradições que iam sendo substituídas por novos costumes.

Hoje nem mais as crianças pensam em balões senão dirigíveis. O doce mês de junho antigo com o seu rosário de folguedos simples, acabou, morreu. Há agora outro, um junho bonito, de sobretudo de peles, neurastênico, febril, com surmenagem de pândegas e snobismo.⁹

Nesta crônica sobre as festas juninas João do Rio lamenta o abandono das tradições populares em prol de hábitos e costumes *snobs*, tidos como mais adequados à nova realidade da sociedade carioca. As pessoas ocupadas com jantares e festas elegantes já não se interessavam pelos velhos costumes, lembrados com saudade apenas pelos mais velhos.

As festas e tradições populares apareciam na contramão do desejo das elites cariocas de enquadrar a população da cidade nos modelos de comportamento europeus, o que implicava, entre outras coisas, desfrancizar costumes e inibir manifestações populares. Mas, mesmo afastadas do centro da cidade, as festas populares resistiam nos bairros mais afastados.

As reformas urbanas do Rio de Janeiro foram intensificadas a partir de 1903 com a posse do prefeito Pereira Passos. Desde a Proclamação da República havia uma tentativa por parte dos governantes de expurgar os vestígios do passado colonial e incluir o Brasil entre as nações tidas como civilizadas e progressistas do Hemisfério Norte.

Mas a reforma limitou-se a modificar de maneira superficial a fisionomia da cidade e esse projeto de fazer do Rio de Janeiro uma capital moderna acaba por aprofundar ainda mais o caráter de segregação dentro da cidade. Em 1905, a inauguração da Avenida Central - eixo principal de todo um elenco de

melhoramentos urbanísticos - representou um processo de expropriação ou segregação de determinadas frações sociais de uma área privilegiada, central, do espaço urbano em proveito de outras frações sociais.

O cenário moderno mal disfarçava o mesmo enredo e os antigos personagens. A cidade 'moderna' era ainda a cidade 'colonial', a despeito das novas formas, fossem essas formas arquitetônicas ou formas de governo.¹⁰

À cidade ideal, sonhada pelo grupo intelectual dirigente, se opõe a cidade real, na qual grande parte da população continua excluída do mercado de trabalho e do modelo europeu de civilidade adotado pelas elites da época. É essa cidade noturna que se pretendia ocultar, transportando-a das áreas consideradas nobres para os subúrbios e favelas.

O confronto entre essas duas cidades aparece na produção cultural da época e os literatos discutem com frequência o processo de modernização e suas implicações. Um exemplo de divergência de posição entre os escritores se dá nas distintas representações que fazem quando se referem à Exposição Nacional, realizada em 1908. Francisco Foot Hardman afirma que enquanto Olavo Bilac louvava os ritos da nacionalidade nas páginas do *Jornal da Exposição*, Avelino Fóscolo criticava os gastos extravagantes e denunciava a miséria dos trabalhadores que construíram as luxuosas instalações da exposição. Já João do Rio:

Sem perder de vista a força inegável do espetáculo, ali penetra, dele resgatando fragmentos da própria sensação do encanto, não se sabendo ao certo de que lado fala sua voz meio desencontrada, se de dentro das miragens ou fora delas.¹¹

Uma das crônicas de João do Rio sobre a exposição é emblemática nesse sentido. Num primeiro momento ele descreve o pavilhão da exposição, onde a eletricidade é um dos grandes personagens:

Há renques de lâmpadas amarelas, de lâmpadas verdes, de lâmpadas vermelhas, paredes forradas dessa tricromia gritante. (...) E no céu, escuro e sem estrelas, de minuto a minuto, para além do clarão que a Cidade Maravilha espelha nas nuvens, espoucam rumores de luz, (...) - É o Rio civilizado...

Em seguida, o cronista sai com um amigo para um passeio de automóvel que os leva a uma outra cidade:

Estamos no fim e da noite e vamos à procura do automóvel, que nos leva na continuação da maravilha pela Avenida Beira Mar. (...) E de repente a maravilha cessa. - Eis a cidade de há vinte anos! E resiste ainda!¹²

Transitando com desenvoltura entre os dois extremos, João do Rio revela as contradições de uma cidade onde convivem o moderno e o antigo, o esplendor e a miséria, o luxo e a pobreza. A cidade fragmenta-se e dissolve-se e sua unidade reaparece nas crônicas que dão voz aos aspectos descartados pela fúria modernizante.

As crônicas de João do Rio, combinando o registro das tradições com a velocidade do novo tempo, o registro da vida e dos hábitos europeizados da elite com a miséria em que permanecia boa parte da população carioca, tipificam a própria indefinição de uma época de passagem. Em seus textos podemos perceber o aspecto paradoxal e as contradições de um tempo de profundas transformações sociais, culturais, técnicas e urbanísticas.

¹ ALMEIDA, Afonso Lopes de. "João do Rio". IN: **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 11 de agosto de 1941.

² RIO, João do. "A rua". IN: _____. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 50

³ PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. p. 332

⁴ GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio: vielas do vício, ruas da graça**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 64-65

⁵ RIO, João do. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro: 13 de agosto de 1910. p. 2-3

⁶ RIO, João do. "A rua". IN: _____. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 83

⁷ RIO, João do [Joe]. “Cinematographo”. IN: **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro: 16 de fevereiro de 1908. p. 1

⁸ RIO, João do [Joe]. “Cinematographo”. IN: **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro: 18 de agosto de 1907. p. 1

⁹ RIO, João do [Joe]. “Cinematographo”. IN: **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro: 21 de junho de 1908. p. 2

¹⁰ NEVES, Margarida de Souza. “Brasil, acertai vossos ponteiros”. IN: **Brasil, acertai vossos ponteiros**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 1991. p. 61

¹¹ HARDMAN, Francisco Foot. “Engenheiros, anarquistas, literatos: sinais da modernidade no Brasil”. IN: CARVALHO, José Murilo (et al). **Sobre o pré-modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998. p. 27

¹² RIO, João do [Joe]. “Cinematographo”. IN: **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro: 23 de agosto de 1908. p. 1